

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUES
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2024)**

**O TRABALHO COM A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UMA ESCOLA DO
CAMPO EM CARAÚBAS/RN: UM RELATO DE INTERVENÇÃO**

Maria Elione Mota Campos

Francisco Vieira da Silva

RESUMO: Este artigo tem como objetivo geral relatar uma experiência de trabalho com variação linguística, em uma sala de aula do Ensino Médio de uma escola do campo do município de Caraúbas, Rio Grande do Norte. A pesquisa está baseada, teoricamente, em Lisboa (1988), Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2004), Coelho *et al.* (2015), (Moura; Galina; Boiago, 2015), Alexandre (2016), Lopes e Cavalcante (2018), Coelho e Soares (2020) e Félix e Cavalcante (2022). A pesquisa é abordagem mista (quali-quantitativa), de procedimento documental e de objetivo descritivo-interpretativista. A intervenção aconteceu em uma escola do campo no município de Caraúbas (RN), precisamente, em uma turma da 1ª série do Ensino Médio. Os dados foram coletados por meio de um formulário de análise diagnóstica, aulas expositivas e atividade prática de análise de aprendizado. Os resultados mostram que as intervenções contribuíram positivamente com a aprendizagem dos estudantes. Consideravelmente, os estudantes mostraram maior desenvolvimento no decorrer das aulas expositivas, tendo em vista a interação ocorrida nas aulas, contudo, todas as etapas foram essenciais no processo de aprendizagem sobre o conteúdo.

Palavras-chave: Variação linguística. Ensino Médio. Escola do Campo.

**WORKING WITH LINGUISTIC VARIATION IN A RURAL SCHOOL IN
CARAÚBAS/RN: AN INTERVENTION REPORT**

ABSTRACT: The general aim of this article is to report on an experience of working with linguistic variation in a secondary school classroom in a rural school in the municipality of Caraúbas, Rio Grande do Norte. The research is theoretically based on Lisboa (1988), and Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2004), Coelho *et al.* (2015), (Moura; Galina; Boiago, 2015), Alexandre (2016), Lopes and Cavalcante (2018), Coelho and Soares (2020) and Félix and Cavalcante (2022). The research is a mixed approach (quali-quantitative), with a documentary procedure and a descriptive-interpretative objective. The intervention occurred in a rural school in Caraúbas (RN), precisely in a 1st-grade high school class. Data was collected using a diagnostic analysis form, lectures, and a practical learning analysis activity. The results show that the interventions made a positive contribution to student learning. Considerably, the students showed greater development during the lectures, because of the interaction that occurred in the classes, however, all the stages were essential in learning about the content.

Keywords: Linguistic variation. High school. Rural school.

INTRODUÇÃO

1. Cada indivíduo tem sua forma de falar moldada pelas suas experiências, localização geográfica, condição socioeconômica e o contexto em que está inserido. Assim, a variação linguística é um fenômeno essencial da comunicação e da identidade cultural. Tendo isso em vista, esta pesquisa se justifica pela necessidade de despertar nos estudantes a compreensão de que a língua varia de acordo com as necessidades dos usuários, considerando o contexto da comunicação e partindo do entendimento de que ela é heterogênea e diversa, assim como a interação humana. Nesse sentido, não existe somente uma forma de uso da língua, mas, várias, de acordo, inclusive, com as vivências e modos de expressão locais do falante, por exemplo, zona rural ou urbana.

Nessa direção, é importante mencionar que, na década de 1960, surgiu a sociolinguística, tendo o intuito de dar respostas às correntes estruturalistas e gerativistas, considerando, assim, a língua associada aos fatores históricos e sociais pela realidade dos falantes (Lopes; Cavalcante, 2018). Assim, o falante do português está inserido em uma certa comunidade linguística, e dela carrega às suas variedades pertencente a este grupo social, como, por exemplo, as pessoas da zona rural, que trazem as marcas da língua falada no seu meio social, diferenciadas do falar das pessoas que moram na zona urbana.

Não é rara a existência da ideia de que pessoas que não falam de acordo com a norma culta, falam errado, sendo compreendidas como indivíduos que fazem uso de uma linguagem desprestigiada, caipira e rotulada. Sabendo disso, pessoas da zona rural, por exemplo, frequentemente enfrentam preconceito linguístico por utilizarem variantes mais informais ou populares da língua, que podem ser vistas como menos corretas ou prestigiosas. Essa situação reflete uma desvalorização das formas de linguagem associadas a contextos rurais e classes sociais mais baixas, desconsiderando a riqueza e a legitimidade das variantes que essas pessoas utilizam (Bortoni-Ricardo, 2004).

Alinhado a isso, é importante tratar sobre a Educação do campo. Segundo Lisboa (1988), no Brasil, os movimentos sociais só tiveram caráter político, social e econômico na metade dos anos de 1960, quando travou-se uma luta política por intermédio das pessoas que não estavam satisfeitas com as mudanças realizadas no âmbito social brasileiro. Assim, dentre esses movimentos sociais, surgem os movimentos sociais do campo, somente no ano de 1990 que foi possibilitado a aproximação ao debate das políticas educacionais evidenciando as veredas ao conhecimento da evolução social do homem do campo. A batalha

por um planejamento e efetivação de uma política pública para a educação no/do campo no Brasil é uma temática que vem sendo debatido há muitos anos (Moura; Galina; Boiago, 2015). Contudo, só obteve destaque a partir do decênios de 1990, pois nesse período a educação passa a ser o foco das discussões.

Nessa linha, este trabalho decorre da seguinte problemática: como pode ser abordada a variação linguística no Ensino Médio de uma escola de campo de Caraúbas, Rio Grande do Norte (RN)? Assim, este estudo tem como objetivo relatar uma experiência de trabalho com variação linguística em uma sala de aula do Ensino Médio de uma escola do campo do município de Caraúbas, Rio Grande do Norte. Dessa forma, temos como objetivos específicos:

i) analisar como os alunos do Ensino Médio de uma escola de campo compreendem a variação linguística; ii) refletir sobre a importância de discutir a variação linguística em sala de aula do Ensino Médio de uma escola de campo de Caraúbas, RN.

Essa escolha se por duas razões: i) afinidade da autora com a escola do campo, pois estudou maior parte da vida em escola localizada em zona rural; ii) o fato de a autora ter percebido, após realizar um estudo sobre variação linguística no livro didático de língua portuguesa, uma abordagem superficial sobre o conteúdo. Dessa maneira, observa-se a necessidade de uma ampliação do ensino de variação linguística na Educação Básica, para que, a partir disso, sejam consideradas as diversas formas de falar e, com isso, seja possível propor alternativas para combater o preconceito linguístico na escola, afinal, é necessária uma “educação linguística que promova a mudança das concepções sobre a língua portuguesa e suas variedades, [...], que conscientize sobre a importância da variação e que leve o aluno a reconhecer as instâncias adequadas para uso de uma ou de outra variedade da língua” (Coelho; Soares, 2020, p. 78).

Nesse sentido, ancoramo-nos, teoricamente, em Lisboa (1988), Bagno (1999). Bortoni-Ricardo (2004), Coelho *et al.* (2015). (Moura; Galina; Boiago, 2015). Alexandre (2016), Lopes e Cavalcante (2018), Coelho e Soares (2020) e Felix e Cavalcante (2022). Metodologicamente, este artigo apresenta uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa de campo e de objetivo descritivo-interpretativista. A intervenção aconteceu em uma turma de uma escola de campo do Ensino Médio. A próxima seção, expõe e discute alguns dos conceitos indispensáveis para o desenvolvimento do estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, discutiremos os principais conceitos da pesquisa. No primeiro tópico, trataremos sobre o conceito de variação linguística. No segundo, abordaremos sobre variedade linguística, e, por último, falaremos a respeito do preconceito linguístico.

2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação linguística é um dos principais objetos de estudo da sociolinguística (Coelho *et al.*, 2015). Esse fenômeno preocupa-se em como a linguagem varia entre diferentes grupos sociais, como aqueles definidos por classe social, região geográfica, idade, gênero, etnia e outros fatores, levando em consideração o fato de que nenhuma língua é empregada da mesma forma em todos os locais e que, portanto, os indivíduos possuem maneiras peculiares de falar.

De acordo com Coelho *et al.* (2015), apesar de os sujeitos falarem de diferentes formas, ainda sim, é possível que a comunicação aconteça de maneira satisfatória. Uma ocorrência que pode exemplificar isso é quando paramos para pensar nas variantes advindas do prestígio social: um dado sujeito, que tem um baixo grau de escolaridade, faz uso da expressão “nós vai”, já outro, que, provavelmente, possui um alto grau de escolaridade, utiliza “nós vamos”, ambos os usos, do ponto de vista semântico, querem dizer a mesma coisa. As duas formas são compreensíveis e contém o mesmo significado.

Dialogando com o ponto de vista de Bortoni-Ricardo (2004), Felix e Cavalcante (2022, p. 93) fazem alguns apontamentos sobre a variação linguística:

a variação linguística está relacionada a grupos etários (idade, geração), gênero (papeis sociais/culturais), status socioeconômico (desigualdade de renda), mercado de trabalho (repertório linguístico ligado à profissão), grau de escolarização (anos de estudo e qualidade escolar), rede social (comportamento de vivências próximas) e grupo de referência (quando mesmo sem interação presencial sofre influência, por exemplo: TV e internet), compondo uma diversidade sociolinguística que requer conhecimento e consciência.

Nesse contexto, é possível dizer que existem diversos fatores que influenciam a variação linguística. O primeiro deles diz respeito à faixa etária do indivíduo. Em concordância com Alexandre (2016), isso pode justificar a razão pela qual os jovens, de forma geral, não falam da mesma forma que pessoas mais velhas, pois a língua sofre mudanças e adaptações com o passar do tempo. Assim, a variação pode corresponder de acordo com as gerações, isto é, os avós falam diferente dos netos, os filhos falam de forma distintas dos pais, etc.

Outro fator importante que influencia na variação linguística é o gênero, pois homens e mulheres podem falar de formas diferentes. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), normalmente, as mulheres costumam, em suas falas, fazerem o uso do diminutivo, como “comprei essa bolsinha”. Já os homens, de forma geral, possuem uma linguagem distinta, fazendo uso de gírias.

Segundo Alexandre (2016), o fator geográfico diz respeito ao espaço físico e geográfico no qual o indivíduo falante está incluído. É observando as variantes da língua que conseguimos detectar os falantes de uma mesma região: o alimento “macaxeira” – como chamado no Nordeste –, por exemplo, também pode ser chamado de “aipim” ou “mandioca” no Sul do Brasil.

Ainda de acordo com Alexandre (2016), o fator sociocultural, por sua vez, corresponde ao grau de igualdade do âmbito socioeconômico e cultural de uma sociedade linguística. Isto significa que a forma da conduta linguística do falante é resultado de aspectos de renda familiar, grau de escolaridade e/ou ocupação profissional. Dessa forma, as pessoas de classe social mais elevada tendem a falar uma variedade mais formal; já as pessoas de classes sociais menos favorecidas tendem a fazer o uso da linguagem informal. Nessa mesma linha, os indivíduos que possuem um grau mais alto de escolaridade, evidentemente, utilizam a linguagem padrão; já as pessoas que têm baixo grau de escolaridade costumam fazer uso da linguagem não-padrão (Coelho *et al.* 2015).

Diante disso, é possível afirmar que diversos fatores influenciam o fenômeno da variação linguística. Dessa forma, é crucial destacar que ela está intimamente conectada com a sociedade e com os contextos em que interagimos, como a escola, as redes sociais e o ambiente de trabalho.

2.2 VARIEDADE LINGUÍSTICA

Para compreender a definição de variedade, podemos parar para observar a fala das pessoas que nos cercam, seja na escola, no trabalho, no âmbito familiar ou outros âmbitos que fazemos parte (Coelho *et al.*, 2015). Ao fazer essa análise, provavelmente, constataremos que elas falam de forma diferente, apesar de terem traços semelhantes. Isso pode acontecer porque, embora tenhamos a mesma língua – a língua portuguesa – cada um possui sua forma de falar, que é uma variante da cultura, costumes, hábitos, gênero, grau de escolaridade e outros aspectos que influenciam na fala.

Por esse viés, podemos observar que, assim como possui variações, existem diversas variedades, influenciadas, inclusive, por fatores geográficos e sociais. De acordo com Coelho *et al.* (2015), a partir dos fatores geográficos identificamos a variedade gaúcha e a variedade nordestina; e através dos fatores sociais é possível perceber, por exemplo, na variedade dos sujeitos mais jovens, das pessoas mais escolarizadas e pessoas do sexo feminino. Porém, existe uma variedade em que os sociolinguísticos se remetem mais, que é a variedade culta.

A variedade culta é, normalmente, associada às camadas mais altas da pirâmide social. É, em geral, a língua usada pelos falantes mais escolarizados, com maior remuneração e que moram em centros urbanos: “essas pessoas, por seu status, comumente gozam de prestígio social, e esse prestígio é transferido para a sua fala” (Coelho *et al.*, 2015, p. 15). Os autores afirmam que a norma culta é a variedade utilizada pelas pessoas da classe social mais alta – das pessoas mais escolarizadas – sendo considerada, também, a variedade que está de acordo com a gramática normativa, que atende às regras da mesma, pois como já pontuamos desde a seção anterior, existe as diferenças sociais e elas influencia nessas variedades linguísticas.

2.3 VARIANTE E VARIÁVEL LINGUÍSTICA

Os conceitos de variante e variável também são pertinentes para este trabalho. De acordo com Coelho *et al.* (2015), variável é o lugar na gramática que ocorre a variação e variante são os modos específicos que pleiteiam pela expressão da variável. Para o autor, “dois requisitos devem ser cumpridos para que duas ou mais formas possam ser chamadas *variantes*: primeiramente, elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto; além disso, devem manter o mesmo significado referencial/ representacional” (Coelho *et al.*, 2015, p. 17). Nesse sentido, para reconhecer um fenômeno como variante, é preciso que elas possuam o mesmo significado, ou seja, ao substituir uma pela outra não haja perda de sentido, é necessário que o sentido seja o mesmo. A palavra “peixe”, por exemplo, é pronunciada por algumas pessoas como “pexe”. Contudo, as duas têm o mesmo significado. Assim, podemos dizer que há duas variantes de uma variável.

Entre as diversas variantes existentes, destacam-se a padrão e a não-padrão. Segundo Coelho *et al.* (2015), a variante padrão é a variedade que faz parte da norma culta da língua, sendo considerada a variante de prestígio, apesar de não ser a mais utilizada pela sociedade e conservadora por está fazendo parte da língua a mais tempo. Já a não padrão é a que sobre ela ocorre todo um estigma, podendo existir comentários desfavoráveis aos falantes que fazem o

uso dessa. Diferentemente da variante padrão, ela tende a ser inovadora, já que ela pode passar a ser utilizada em situações formais.

Vale ressaltar, contudo, que essas são *tendências* – nem sempre a realidade que observamos reflete essas tendências. Vejamos o caso, por exemplo, da variável “expressão pronominal de P4”, cujas variantes são, atualmente, os pronomes ‘nós’ e ‘a gente’. Claramente, a variante padrão é ‘nós’. Ela goza de prestígio e é a forma conservadora, que está há mais tempo na língua. Por sua vez, ‘a gente’ é a variante não padrão, que sofre mais estigma e é inovadora. Note-se, contudo, que o estigma de ‘a gente’ tem se perdido e que essa variante tem sido usada também em contextos mais formais, nos quais figurava apenas a forma ‘nós’ (Coelho et al. 2015, p. 19).

Segundo o autor, o que foi apresentado são apenas tendências, podendo ocorrer mudanças. Para Bagno (1999), as pessoas que usam a variedade não padrão chegam a ser, muitas vezes, consideradas sem língua, tendo em vista que no Brasil só existe uma única variedade que é bem aceita, que é a língua padrão, isto é, a língua de prestígio, que é ensinada nas escolas, embora não seja usada pela maior parte da sociedade, pois sabemos que, muitas pessoas, não têm acesso a ela, uma vez que muitos ainda não têm o privilégio de estudar.

2.4 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Considerando que a língua varia de acordo com os fatores geográficos, sociais e culturais, como já mencionado nesta seção de fundamentação teórica, podemos assim dizer, que quando se tem ocorrências de variação linguística, normalmente, há, também, ocorrências de preconceito linguístico. Isso porque a gramática normativa não aceita essas variações, considerando erradas as variedades não padrão. Nessa perspectiva, podemos afirmar que há diversas formas de preconceito linguístico, como o social (que surge no contexto das interações sociais, influenciado por fatores como classe, educação e origem geográfica e o geográfico (que está relacionado com o espaço físico no qual a pessoa está inserida).

No entendimento de Bagno (1999, p. 16):

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais, bastante conhecida e também vítimas, algumas delas de muito preconceito – mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo mundo.

Para Bagno (1999), o Brasil é considerado o segundo maior país da desigualdade social do mundo, o que intensifica o preconceito linguístico existente entre os sujeitos que

fazem o uso da variedade não-padrão do português brasileiro, pois geralmente as pessoas da classe social mais desfavorecida, tendem a fazer o uso da variedade não padrão, já que a maior parte não tem acesso a escola, o lugar onde ensina a variedade padrão.

Apesar de a Constituição Federal (1988), em seu artigo 205, garantir que a educação é um direito de todos, sabemos que muitas pessoas têm esse direito negligenciado, principalmente, indivíduos que fazem parte da classe social mais baixa. Por esse viés, é importante pontuar que essas pessoas não têm acesso à variedade culta, impossibilitando, assim, a comunicação com algumas entidades que utilizam exclusivamente a linguagem padrão. Bagno (1999), ao destacar o que estudos diversos da área têm mostrado como resultado, diz que “os falantes das variedades lingüísticas desprestigiadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que se serve exclusivamente da língua-padrão” (p.17). Desse modo, o poder público acaba inviabilizando a comunicação com essas pessoas que não tiveram acesso à escola e, conseqüentemente, não fazem o uso da variedade culta.

Em concordância com Bagno (1999), destacamos que o Brasil é um país de grande extensão territorial, que gera diferenças regionais bastante conhecidas e, também, vítimas de muito preconceito. O autor exemplifica essa questão a partir do modo como as novelas da TV mostram a região nordeste e os personagens que a representam, afirmando que “todo personagem de origem nordestina, é sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador” (p. 43- 44).

Essa concepção de que os nordestinos não falam bem, não têm informação, são leigos e inferiores aos brasileiros de demais regiões, é, sem dúvidas, equivocada, além de preconceituosa e intolerante. Em sintonia com Bagno (1999), podemos enfatizar: da mesma forma que existe o preconceito social, que se refere às questões sociais, também tem o preconceito regional, sendo esse voltado para os falares regionais.

Outra forma de preconceito advinda do preconceito regional é o preconceito existente entre a zona rural e a urbana. Conforme Bortoni-Ricardo (2005), o continuum de urbanização é pertinente, portanto, as classes rural e urbana são imprescindíveis para compreender a veracidade do Brasil, país esse que até metade do século XX tinha uma economia Rural. A partir disso, até a década de 1960, o Brasil é considerado um país rural, desde então, ele passou a ter a maioria da população habitando nas cidades (influenciado pelo processo de industrialização) se tornando assim, um país urbano. Dessa forma, é possível dizer que ele teve o processo de urbanização retardado, se diferenciando dos demais países, que iniciaram

sua industrialização no século XVIII, tendo a industrialização precedida a urbanização. Por muito tempo, a zona rural foi mantida desolada da zona urbana, em razão de preconceitos, entre eles, o linguístico.

O preconceito linguístico dirigido às pessoas da zona rural, frequentemente, se manifesta através da desvalorização de suas formas de falar, que são percebidas como menos sofisticadas em comparação com as variantes urbanas da língua. Nesse sentido, muitas vezes, o modo de falar dos habitantes da zona rural é frequentemente estigmatizado e associado a um estereótipo de inferioridade ou falta de educação. Essa visão preconceituosa ignora a riqueza das variantes linguísticas rurais, que carregam importantes aspectos culturais e históricos das comunidades que as utilizam.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Metodologicamente este trabalho é de abordagem mista, isto é, quali-quantitativa, porque parte das duas formas (qualitativa e quantitativa) para que possamos obter melhores resultados (Gil, 2002). Essas duas formas constituem uma abordagem eficiente para a análise de dados. No que diz respeito ao procedimento, a pesquisa é de campo, pois ela nos permite um contato direto com as pessoas a serem pesquisadas, possibilitando, na prática, uma proximidade com o objeto e com os sujeitos da pesquisa. No que se refere ao objetivo, o estudo tem caráter descritivo e interpretativo, uma vez que buscamos fornecer uma análise precisa dos aspectos observados, descrevendo-os a partir de um olhar interpretativo sobre as intervenções em uma sala de aula de uma escola de campo.

Objetivando relatar uma experiência de trabalho com variação linguística, em uma sala de aula do Ensino Médio técnico integral de uma escola do campo do município de Caraúbas, RN, a pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública do estado da zona rural, mais especificamente, em uma turma de 1ª série do Ensino Médio. Para que o estudo fosse desenvolvido na sala de aula, tivemos, inicialmente, uma conversa com a direção e a coordenação pedagógica. Nesse momento, apresentamos a ideia de nossa pesquisa e o plano de aula, dando ênfase para os objetivos, o tema e cada passo metodológico da intervenção. Um outro aspecto importante para mencionar é que, antes de começarmos, de fato, a aplicabilidade das atividades em sala de aula, realizamos uma conversa inicial e um momento de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), buscando garantir que os participantes estejam plenamente informados sobre o estudo e consentam voluntariamente em

participar. Nesse contexto, todos os alunos aceitaram participar e contribuir com o desenvolvimento do estudo.

É importante situar o contexto em que os alunos se encontravam no momento da intervenção: a turma estava com aproximadamente noventa dias sem aula de Língua Portuguesa, devido ao necessário afastamento do professor desse componente curricular.

A turma contava com 25 alunos, residentes na zona rural e urbana, mas alguns não estavam presentes nos dias de intervenção, assim, apenas 21 alunos participaram da pesquisa. A turma era composta por 12 homens e 9 mulheres. Ademais, 14 desses alunos tinham idade entre 14 e 15 anos, sendo que apenas sete alunos tinham entre 16 e 17 anos.

Nessa direção, os momentos de intervenção foram os seguintes:

No primeiro encontro de intervenção, ocorrido no dia 23 de agosto de 2024, realizamos a aplicação do formulário sobre variação linguística e preconceito linguístico. O formulário continha 10 perguntas, todas de caráter objetivo.

No segundo momento, ocorrido no dia 27 de agosto de 2024, foi realizada uma aula teórica sobre variação linguística. Neste momento, foi feito um levantamento na aula sobre a compreensão que eles tinham (ou não) sobre variação linguística, seguida de uma explanação sobre o tema, por meio de slides e vários exemplos.

No terceiro encontro, que aconteceu no dia 30 de agosto de 2024, fizemos a apresentação do produto cultural “A brasilidade no falar¹”, um documentário de trinta minutos, que trata sobre a variação linguística e preconceito linguístico no Brasil. No mesmo dia, desenvolvemos uma discussão sobre o documentário, buscando relacioná-lo com as vivências dos alunos.

O quarto encontro aconteceu no dia 03 de setembro de 2024. Em um primeiro momento, lançamos o questionamento “o que é preconceito linguístico?”, buscando instigar o desenvolvimento de hipóteses sobre o tema. Depois da conversa, fizemos uma aula expositiva sobre o fenômeno do preconceito linguístico, discutindo questões como origem, conceito, fatores que influenciam e apresentamos vários exemplos. A discussão foi marcada pela interação e participação.

No quinto encontro da intervenção, realizado no dia 06 de setembro de 2024, aplicamos uma atividade contendo questões tanto de variação linguística como de preconceito linguístico. A referida atividade contava com 5 questões objetivas e 1 discursiva.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ojpLNnIB-rs> . Acesso em: 25 de agosto de 2024.

A intervenção foi encerrada após cinco momentos. Assim, aplicada a metodologia de nossa pesquisa, partimos para a análise e a descrição e interpretação dos dados.

4 RESULTADOS

Com o objetivo de relatar uma experiência de trabalho com variação linguística em uma sala de aula do Ensino Médio de uma escola do campo do município de Caraúbas, RN, utilizamos um formulário diagnóstico inicial, um documentário abordando a variação linguística e o preconceito linguístico, aulas expositivas com conceitos e exemplos sobre os conteúdos e uma atividade prática com questões objetivas e discursivas para a coleta de dados.

A pesquisa foi realizada em uma sala de aula da 1ª série do Ensino Médio de uma escola do campo. A sala contava com 25 alunos, mas quatro alunos faltaram a todas as etapas, assim, 21 alunos participaram da investigação. No decorrer das etapas, de forma geral, os discentes foram acolhedores e bastante participativos, apresentando, inclusive, diversos exemplos de variação linguística e de preconceito linguístico.

Em relação à primeira intervenção, a aplicação do formulário diagnóstico, os resultados revelaram que a maior parte da turma já tinha um certo grau de conhecimento sobre o assunto foco deste trabalho, pois sabiam da existência das diversas maneiras de falar no Brasil, que são adaptadas mediante fatores regionais e sociais, faixa etária e grau de escolaridade (Felix; Cavalcante, 2021), mas não sabiam que a variação linguística está diretamente relacionada ao preconceito linguístico.

Assim sendo, o formulário contava com dez questões: as primeiras eram destinadas a conhecer a idade e o gênero dos participantes, e as outras diziam respeito ao conhecimento dos alunos acerca do conteúdo. As questões três, sete e oito foram aquelas que tiveram mais respostas semelhantes: na primeira delas, que perguntava se o aluno sabia o que é variação linguística, 17 alunos responderam sim, provavelmente, porque já estudaram em sala de aula com o antigo professor, já que os alunos relataram isso no momento de aplicação. Já os outros 4 alunos responderam “não”, talvez, porque não conseguiram compreender a temática, por isso deram essa resposta. A segunda delas buscava compreender se os alunos sabiam o que era preconceito linguístico: de 21 alunos, 13 afirmaram que sabiam, apesar de demonstrarem ter um menor conhecimento quando comparado à variação linguística. Os outros alunos afirmaram não conhecer, provavelmente, por falta de um estudo mais profundo sobre o tema. A última dessas, por sua vez, indagava se alguma pessoa já riu ou corrigiu a forma de falar do participante da pesquisa: 14 alunos afirmaram que sim.

Assim, interpretamos que antes das intervenções os alunos já tinham um conhecimento (mesmo que superficial) sobre preconceito linguístico e variação linguística. Aqueles que afirmaram não conhecer ou não ter passado por nenhuma ocorrência de preconceito linguístico podem ter respondido assim por não ter muito conhecimento sobre a temática, já que depois das aulas expositivas sobre o assunto notamos um considerável aumento dos conhecimentos dos alunos sobre o assunto, pois eles contribuíram com exemplos citados, inclusive, aqueles que no questionário deram uma resposta negativa.

Apesar desse resultado, no início, alguns alunos chegaram a dizer que algumas pessoas falavam corretamente e outras não. Isso nos faz perceber que, apesar de conhecerem brevemente o assunto, ainda faziam confusões com as definições e exemplos sobre ele. Muitos deles afirmaram que, inconscientemente, adotavam práticas de preconceito linguístico ao corrigir a forma de falar dos colegas em sala nos momentos de apresentações de trabalho e nas interações entre eles, por exemplo.

Na aplicação do documentário “A brasilidade no falar”, que trata das diversas formas de variação linguística e preconceito linguístico que existem em vários lugares do mundo, os alunos foram bem interativos sobre a abordagem. Através das interações ocorridas, conseguimos identificar que os alunos perceberam sotaques e variações presentes na produção, citando, por exemplo, a variação existente entre “mandioca”, “macaxeira” e “aipim”. Além disso, mencionaram alguns exemplos relacionados aos fatores que influenciam na variação linguística, como região, gênero, fatores sociais, faixa etária e grau de escolaridade. Dessa forma, o documentário possibilitou que os participantes da pesquisa tivessem uma abordagem ilustrada sobre o tema, conseguindo estabelecer um diálogo com o que já tinham visto na aula expositiva sobre variação linguística. Compreendemos, assim, que ter acesso ao documentário foi essencial para que o aluno pudesse responder à atividade.

A atividade prática que os alunos responderam na última etapa da intervenção era referente aos temas trabalhados nas outras etapas. Assim, cada momento foi essencial para que os alunos conseguissem realizar a atividade de maneira consciente, compreendendo que a temática abordada está presente em seu cotidiano.

Fazendo uma análise da atividade, todos os alunos conseguiram compreender que a variação linguística diz respeito à diversidade de formas que uma língua pode assumir dependendo do contexto, do grupo social, região geográfica ou da época (Bago, 1999). Entretanto, os resultados mostram que, entre as perguntas que faziam parte da atividade, algumas delas tiveram uma margem de erro maior nas respostas. Uma delas é a questão 3, que solicitava a interpretação da tirinha apresentada na figura 1.

Figura 1: Tirinha presente na questão 3 da atividade



Fonte: Tudo na sala de aula (2021).

A questão solicitava que o aluno indicasse as três palavras em desacordo com a linguagem culta e reescrevesse-as. Nenhum aluno respondeu da forma esperada, as situações abaixo mostram o quantitativo de alunos e o que responderam:

- i) 5 responderam “bicicleta e problema”;
- ii) 7 responderam “bicicleta, concreto e problema”;
- iii) 9 responderam “bicicleta, concreto e caderneta”.

Acreditamos que os participantes da primeira situação, não leram a questão com atenção e talvez não tivessem o conhecimento da palavra croquete fazendo com que a considerassem certa. Já em relação aos que escreveram bicicleta, concreto e caderneta, interpretamos que não conheciam a palavra “croquete” e por isso associaram ela à palavra “concreto” que é mais conhecida. Assim, apesar de os discentes saberem sobre variação linguística e preconceito linguístico, possuem dificuldades de identificar esses fenômenos ao analisar uma questão, cometendo algumas falhas de interpretação de texto, já que a resposta correta era “bicicleta, croquete e caderneta”.

No decorrer da intervenção, percebemos que a variação e o preconceito linguístico devem ser temas mais frequentes nas aulas de Língua Portuguesa, porque apenas com esse trabalho contínuo, os alunos passarão a ter seus conhecimentos ampliados e um maior domínio sobre o conteúdo, até porque, “a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa” (Bagno, 1999, p.18).

No que se refere às discussões realizadas em sala, os participantes da pesquisa tiveram uma excelente atuação, foram participativos e apresentaram exemplos relacionados ao conteúdo abordado. Todavia, ao compararmos seus conhecimentos sobre preconceito e variação linguística, é importante mencionar que o domínio sobre o primeiro é ainda menor,

mas isso pode ser influência do que pontua Bagno (1999), ao dizer que, embora esteja presente em diversos contextos da sociedade, o preconceito linguístico é invisível. Por essa razão, acabamos, muitas vezes, naturalizando.

Após a exibição das atividades, do documentário e das aulas, os alunos passaram a perceber que o tema abordado não era estranho; pelo contrário, tratava-se de algo presente em seu cotidiano, mas que eles não compreendiam completamente. Trouxeram exemplos de variação linguística amplamente utilizados em seu dia a dia, como a abreviação de palavras nas redes sociais (como no *WhatsApp* e *Facebook*) em conversas informais. Eles também mencionaram exemplos de preconceito linguístico ocorridos em outros contextos comunicativos.

Assim, houve grande participação. A análise dos resultados confirma que a intervenção foi eficaz para ampliar o entendimento dos participantes sobre preconceito e variação linguística. Contudo, a etapa mais marcante foi a das aulas expositivas, que possibilitou aos alunos uma melhor compreensão do tema.

Portanto, constatamos que a intervenção teve resultados positivos, melhorando a compreensão dos alunos sobre preconceito linguístico e também variação linguística. É preciso de mais aulas expositivas e materiais audiovisuais para fortalecer o conhecimento e proporcionar um maior entendimento para os alunos do Ensino Médio. Apesar dos alunos conseguirem distinguir o que é correto, mesmo após diversas abordagens sobre o tema, eles ainda continuam praticando o preconceito linguístico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou relatar uma experiência de trabalho com variação linguística em uma sala de aula do Ensino Médio de uma escola do campo do município de Caraúbas, RN. A discussão em sala de aula pretendia aprimorar, entre os alunos do Ensino Médio, o entendimento sobre a diversidade linguística. Através dessa abordagem, buscou-se não apenas ampliar o raciocínio crítico dos estudantes, mas também promover uma compreensão mais profunda sobre as diferentes variedades da língua e as especificidades que envolvem o preconceito linguístico. A intenção foi, assim, desmistificar equívocos e preconceitos associados às variações do uso da língua, incentivando a valorização da pluralidade cultural e linguística que caracteriza o nosso país.

Concluimos, portanto, que a intervenção trouxe resultados positivos, pois observamos um avanço no entendimento dos alunos sobre variação linguística. Todas as etapas,

especialmente as aulas expositivas, desempenharam um papel essencial na coleta de dados para nossa pesquisa. Um possível caminho para futuros trabalhos é investigar como projetos voltados especificamente para o ensino e a valorização da variação linguística possam ser implementados nas escolas públicas. Enfatizamos, também, a necessidade de aulas expositivas sobre variação linguística e preconceito linguístico desde os anos iniciais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, I. S. **O trabalho com a variação linguística em sala de aula**: registro de uma experiência na Escola de Campo Bento Tenório de Sousa. 99 f. Monografia (Graduação)

– Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal de Campina Grande, Sumé – PB, 2016.

Atividade de português – Variação linguística – 8º ao 1º Ens. Médio. Disponível em: <https://www.tudosaladeaula.com/2016/11/atividade-de-portugues-variacao.html>. Acesso em: 25 de agosto de 2024.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é e como se faz. São Paulo, Loyola, 1999.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Tem sociolinguística efetiva contribuição a dar à educação?. In:_. **Nós cheguelu na escola, e agora?**: sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 127-146.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 20 jul. 2024.

CAVALCANTE, M. A. da S. Variações Linguísticas: Implicações Pedagógicas no Ensino de Língua Materna. In: CAVALCANTE, M. A. da S; FREITAS, M. L. de Queiroz. COELHO, I. L. [et al]. **Sociolinguística**. – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em: https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em: 01 ago. 2024.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, M. S.V.; SOARES, G. M. Crenças dos pais, crenças dos filhos: o rural, o urbano e o preconceito linguístico. **Caletrosópio**, v. 8, p. 67-80, 2020.

FELIX, A; CAVALCANTE, M. Marcação de plural e variação linguística; Análise de produções escrita de alunos do Ensino Fundamental, **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 16, n. 34, p. 88-105, 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LISBOA, T. K. Referencial Teórico. In.: LISBOA, T. K. **A luta dos Sem-Terra no Oeste Catarinense**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988. p. 17-37.

LOPES, M. A. F.; CAVALCANTE, M. A. S. A Importância da Sociolinguística Educacional: Reflexões sobre o ensino de língua portuguesa. **Anais-FLIPA**. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2018/a_importancia_da_sociolinguistica_educacional.pdf. Acesso em, v. 8, 2018.

MOURA, K. L.; GALINA, C. M. O.; BOIAGO, D. L. Políticas e gestão da educação do e no campo no Brasil: uma análise das experiências educativas da escola de agroecologia Milton Santos na região norte do Paraná. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, v. 2, n. 1, 2015.

APÊNDICE I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO - UFERSA
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS – CMC
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS – DLCH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UMA ESCOLA DO CAMPO EM CARAUBAS/RN

OBJETIVO DO ESTUDO: Analisar como a variação linguística é abordada em uma sala de aula do Ensino Médio, numa Escola de campo de Caraúbas, RN.

ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Você tem o direito de não participar deste estudo. Estamos coletando informações para um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Se você não quiser participar do estudo, isto não irá interferir na sua vida profissional/estudantil.

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: Se você decidir integrar este estudo, você participará de uma sequência didática desenvolvida em 8 aulas. O formulário que você responderá, as aulas que você participará e as atividades que você vai fazer, serão essenciais para a coleta e análise de dados.

REGISTRO: Todas as atividades serão registradas através de anotações escritas e, também, por meio das atividades respondidas por você, aluno (a).

RISCOS: Você pode achar que determinadas perguntas incomodam a você, porque as informações que coletamos são sobre suas experiências pessoais. Assim você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado.

BENEFÍCIOS: Sua entrevista ajudará a desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mas não será, necessariamente, para seu benefício direto. Entretanto, fazendo parte deste estudo você fornecerá mais informações sobre o lugar e relevância desses escritos para própria instituição em questão.

CONFIDENCIALIDADE: Como foi dito acima, seu nome não aparecerá em nenhum formulário ou atividade. Nenhuma publicação partindo da intervenção revelará os nomes de quaisquer participantes da pesquisa. Sem seu consentimento escrito, os pesquisadores não divulgarão nenhum dado de pesquisa no qual você seja identificado.

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES: Esta pesquisa está sendo realizada na Escola Estadual Almiro de França. Possui vínculo com a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), sendo a aluna Maria Elione Mota Campos, a pesquisadora principal, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva. Os investigadores estão disponíveis para responder a qualquer dúvida que você tenha. Caso seja necessário, ~~contate~~ contate no telefone (84) 99934-6705 ou em um dos seguintes e-mails: Maria.campos@alunos.ufersa.edu.br; Francisco.vieira@ufersa.edu.br.

Você terá uma via deste consentimento para guardar com você. Você fornecerá nome, endereço e telefone de contato apenas para que a equipe do estudo possa lhe contactar em caso de necessidade.

Eu concordo em participar deste estudo.



Assinatura: _____

Data: _____

Endereço: _____

Telefone de contato: _____

Assinatura (Pesquisador): _____

Nome: _____

Data: _____

APÊNDICE II: Formulário

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO (UFERSA)

LETRAS PORTUGUÊS E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

GRADUANDA: MARIA ELIONE MOTA CAMPOS

INTERVENÇÃO: ESCOLA ALMIRO DE FRANÇA – ENSINO MÉDIO

FORMULÁRIO SOBRE VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO PARA INVESTIGAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

1. Qual a sua idade?
 - a) 14 ou 15 anos.
 - b) 16 ou 17 anos.
 - c) 18 ou 19 anos.
 - d) Igual ou acima de 20 anos.
2. Qual o seu gênero?
 - a) Masculino.
 - b) Feminino.
3. Você sabe o que é variação linguística?
 - a) Sim.
 - b) Não.
4. Como você descreveria a forma como você fala comparada à forma como as pessoas falam em outros lugares do Brasil?
 - a) ☐ Falo de maneira muito diferente.
 - b) ☐ Falo um pouco diferente.
 - c) ☐ Falo de forma semelhante.
 - d) ☐ Falo exatamente igual.
5. Como você se sente em relação à sua própria forma de falar?
 - a) ☐ Orgulhoso(a).
 - b) ☐ Indiferente.
 - c) ☐ Preocupado(a).
 - d) ☐ Envergonhado(a).
6. Você já percebeu que as pessoas fazem julgamentos sobre alguém com base na forma como falam?
 - a) ☐ Sim, frequentemente.
 - b) ☐ Sim, às vezes.
 - c) ☐ Não percebi.
7. Você sabe o que é preconceito linguístico?
 - a) Sim.
 - b) Não.
 - c) Nunca ouvi falar.
8. Alguma pessoa já riu ou corrigiu a sua forma de falar?
 - a) Sim.
 - b) Não.
 - c) Não lembro.
9. Você já riu ou corrigiu a forma de alguém falar?
 - a) Sim.
 - b) Não.
 - c) Não lembro.
10. Como você reage quando alguém faz comentários negativos sobre a forma de falar de outra pessoa?
 - a) ☐ Reajo ativamente para defender a pessoa.
 - b) ☐ Faço um comentário discreto contra a opinião.
 - c) ☐ Ignoro e não faço nada.
 - d) ☐ Concordo com os comentários.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----

VARIACÃO LINGÜÍSTICA E PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

d) É a diversidade de formas que uma língua pode assumir, dependendo do contexto, do grupo social, região geográfica ou da época.

d) colloquial.

O papagaio falou três palavras em desacordo com a linguagem culta. Escreva-as corretamente.

4 – Diante do que foi trabalhado, o que você entende por preconceito linguístico?

- a) A preferência por um dialeto específico dentro de uma língua.
- b) A discriminação baseada na forma como as pessoas falam, geralmente associada a atitudes negativas em relação a variantes linguísticas não padrão.
- c) O estudo das variações de uma língua ao longo do tempo.
- d) A prática de ensinar uma língua estrangeira em contextos formais.

5 – Qual das alternativas a seguir descreve melhor o preconceito linguístico?

- a) A crença de que todos os dialetos são igualmente válidos e devem ser tratados com o mesmo respeito.
- b) A ideia de que alguns dialetos ou formas de falar são mais corretos ou prestigiosos do que outros.
- c) A promoção da diversidade linguística e o incentivo ao uso de várias línguas.

6 – O preconceito linguístico pode ser observado em qual dos seguintes contextos?

- a) Apenas em ambientes acadêmicos.
- b) Apenas em contextos informais e familiares.
- c) Em uma variedade de contextos, incluindo educacionais, profissionais e sociais.
- d) Somente em países com línguas minoritárias.